

## **A PRODUÇÃO DA MÃE LEVE, FLEXÍVEL, FORTE NAS PÁGINAS DA PAIS & FILHOS**

SCHWENGBER, Maria Simone Vione – UFRGS – simone@unijui.edu.br

GT: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23

Agência Financiadora: UNIJUÍ

### **ALGUNS TRAÇOS DA POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE CONTEMPORÂNEA**

Na contemporaneidade observa-se a emergência de uma rede mais ampla de cuidados e de novos saberes acerca dos corpos, sobretudo, dos corpos grávidos. Uma rede de saberes como os da obstetrícia, enfermagem, fisioterapia, nutrição, psicologia, psicanálise, educação física, religião, economia, direito, passam a ser destacados como fundamental a um “bom” pré-natal. Assim nesse processo a condução da gravidez tornou-se progressivamente “ativa e intervencionista”, como diz Forna (1999, p. 45). Do ponto de vista da autora (1999), o que se acentua, no contexto contemporâneo, é a exaltação da vida intra-útero, a idéia de que uma vida saudável nasce no ventre de uma mulher. Proliferam as publicações que afirmam ser no primeiro período – o gestacional, no útero – que o trajeto de saúde do indivíduo se define. Parece que se expande, com mais força, a partir daí, a idéia de que a nossa saúde é administrada e gerenciada “desde o embrião até o leito de morte” como destaca Meyer (2004). Esses pressupostos foram (e tem sido) os principais instrumentos usados para marcar uma “nova” representação de mulher mãe e de seu envolvimento na gravidez, no parto e na criação dos/as filhos/as. Assim, entendo (junto com outras estudiosas feministas) que esses pressupostos abriram espaços para, dentre outras coisas, “fixar” a exclusividade da mãe não só no processo reprodutivo estrito senso, mas, também, em outras dimensões da reprodução social da vida humana, tal como a educação, o cuidado e a criação dos/as filhos/as (Cf. FORNA, 1999; MEYER, 2000; KLEIN, 2003; VOSNE MARTINS, 2004).

Banditer (2003) destaca que a sociedade ocidental contemporânea promove uma individualização da maternidade, a figura da mãe responsável, tanto pelas práticas - saúde, puericultura<sup>1</sup>, educação na infância – quanto simbólica, com o crescimento do sentimento maternal sendo a mãe aquela que dá “o amor a mais”, a vida, o alimento e as primeiras e contínuas socializações.

---

<sup>1</sup> As mães são estimuladas a registrar por escrito o crescimento do seu bebê, peso, estatura, mamadas.

Entendo que esses pressupostos estão na base de um movimento contemporâneo, mais amplo, que chamamos de nova politização do corpo grávido, como diz Meyer (2004, p. 1) “(...) nova não no sentido de inovadora, mas no sentido de uma atualização, exacerbação, complexificação e multiplicação de investimentos educativo-assistenciais” e amorosos. A educação dos corpos grávidos na contemporaneidade re-inscreve o corpo da mulher-mãe, em um rigoroso regime de vigilância e de regulação<sup>2</sup>, uma tarefa cada vez mais complexa e de muitas aprendizagens e muitas exigências.

Assim interessei-me pela problemática da politização da maternidade e, em particular, pela politização dos corpos grávidos, no contexto de um artefato específico da mídia impressa brasileira, a revista *Pais & Filhos*. Rosa Fischer (2002) é uma das estudiosas que chama a atenção para a importância que a mídia assume, ocupando uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, nos modos de ser homem e mulher, inclusive nos de ser pai, mãe e gestante. Seduziu-me o desafio de responder a seguinte pergunta: como o discurso das práticas corporais e esportivas, na *Pais & Filhos*, colabora com o processo dessa politização?

Para respondê-las, examinei exemplares da Revista *Pais e Filhos*<sup>3</sup>, apoiando-nos na perspectiva dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais que se aproximam das teorizações pós-estruturalistas e utilizando, como estratégia metodológica, a análise de discurso foucaultiana.

Para Vigarello (2001) e Soares (2002a), a história do corpo (da primitiva à pós-moderna) é um pouco a história da “civilização do gesto” e das qualidades físicas adquiridas pelos modos de educação; é uma história heterogênea e plural, contemplando diferentes modos de sociabilidade e de diferenciação. Nesse sentido, este artigo assume o desafio de descrever e analisar como algumas das qualidades físicas foram (e são), historicamente, colocadas em cena por determinadas pedagogias corporais para produzirem identidades maternas diferenciadas.

---

<sup>2</sup> Não tenho dúvida de que os inúmeros cuidados corporais trouxeram efeitos positivos e abriram novas possibilidades para se viver a gestação.

<sup>3</sup> A *Pais & Filhos* foi publicada pela Editora Bloch; atualmente, é a Manchete que a edita. A escolha por essa revista deve-se, primeiramente, ao fato de ela ser uma publicação midiática de ampla circulação no Brasil, reconhecidamente privilegiada por seu tempo de permanência no mercado frente a outras publicações destinadas ao mesmo segmento. Ela surgiu em setembro de 1968 e mantém-se até hoje no mercado brasileiro sendo, portanto, a mais antiga nesse gênero.

## O PROCESSO DE TORNAR LEVE O PESO DA GRAVIDEZ

É notável o esforço que a *Pais & Filhos* faz para identificar as práticas corporais tanto como práticas não prejudiciais às grávidas quanto, sobretudo, seguras para o bebê, como se observa pelo uso recorrente da estratégia<sup>4</sup> e do recurso da imagem de um bebê.



No cerne dessa estratégia está o pressuposto que a expectativa da chegada de uma criança é suficiente para que a mãe altere sua rotina, por exemplo, adotando uma atividade física. Ela reafirma a idéia de, que a gestante que *fizer atividades alternativas terá paz de espírito*. Subjaz aí um ideal de cuidado e se esse se configurar pela alternativa da atividade física, que esta seja realizada com moderação e prudência.

<sup>4</sup> Para Andréia Ciaffone (2002), é cada vez mais comum no Brasil o *marketing* por meio de imagens das crianças com o objetivo de atingir as mães. Para a autora, essa é uma das melhores estratégias de capturar o interesse das mães, principalmente porque os filhos, em geral, determinam os padrões de consumo da família. De acordo com Ciaffone (2002), as crianças de 0 a 12 anos, da classe média, representam a principal influência de consumo das famílias, tanto em termos de produtos quanto de serviços. A confirmação de uma gravidez condiciona, praticamente, grande parte do consumo da família, tais como as compras no mercado e no *shopping*, onde morar, que carro ter, para onde ir durante as férias, quais restaurantes frequentar, entre outros, incluindo a aquisição de produtos e a fruição de serviços provocados pelo estado de gravidez, tais como frequentar cursos de preparação para o parto, academias, massagista.

Quero chamar atenção, ainda, para o versículo, transcrito pela revista, que reforça a representação de mãe como sustentáculo da família e dos/as filhos/as (“vinde a mim ...”). Parece que a estratégia de usar um versículo bíblico valoriza a autoridade da mãe quanto à sua capacidade de gestar a vida. Além de ser protetora/mantenedora, é como se a mãe dissesse: “vinde a mim, pois dou suporte, amparo, apoio, sustentação”. As virtudes exaltadas nesse versículo resumem os dotes de uma mãe perfeita: um ser humano referente, eficiente, compreensivo, de coração aberto para socorrer os necessitados que lhe batem à porta e, acima de tudo, a pessoa sobre quem toda a família pode se apoiar. A mãe aparece como alguém que reúne os filhos em torno de si para apoiá-los. Mais uma vez, é ela que consegue expressar o seu afeto. Percebe-se que, embora não tenha se falado de amor no versículo, é amor o que a mãe sente e faz sentir ao receber a todos.

O segundo enfoque que quero destacar nessa imagem é o empenho da *Pais & Filhos* para dissociar o processo de condução da gravidez da representação de algo pesado. Nesse sentido, pode-se fazer uma paráfrase a partir do versículo: “(...) Venha fazer exercícios, eles vos aliviarão. Porque o jugo da gravidez é suave, o seu fardo é leve (...)”.

De um lado, observa-se uma orientação de vivência da gravidez como acontecimento pesado; de outro, são oferecidos meios (como o das práticas corporais alternativas) para deixar o processo de condução e implementação da gravidez mais leve. Parece que a revista veicula a idéia ambígua de que a gravidez é leve e, ao mesmo tempo, pesada.

A *Pais & Filhos* valoriza as práticas corporais como campo de relaxamento, de leveza, de alívio de tensões. Essas práticas podem ajudar *a tornar leve a ansiosa espera da gravidez (...), a tornar leve o processo da gravidez*. A revista reconhece que o processo de condução da gravidez é árduo, pesado, que a gestante *tem o peso, não apenas do ventre*, mas um peso imposto de muitos e diferentes modos, tais como:

(...) peso posto pelas cobranças, peso de ser responsável por o bebê nascer o mais saudável possível, por educá-lo (...) peso de sustentar o filho... peso de dar muito amor (...) peso de cuidar direitinho... peso de desejar a gestação (GOMES, 1980, p. 21).

As práticas corporais fazem um apelo ao relaxamento do corpo grávido e parecem indicar a quase obrigatoriedade de a gestante ser *cool, ficar fria, manter a*

*calma diante da condução da sua gravidez.* Essas práticas ensinam que a gravidez é um estado em que a mulher precisa de *relax*, em que é preciso aprender a desacelerar, relaxar, deixar leve o corpo. A revista afirma, ainda, na revista, que tais práticas ajudam o corpo grávido a ganhar leveza, sem lesões, e a *manter-se em equilíbrio mesmo quando tudo ao redor está em desarmonia.* Encontram-se nelas, então, as vantagens de práticas que primam pela descontração, soltura, leveza, flexibilidade do corpo e do pensamento. A imagem de um psiquismo e de uma aparência contrária à rigidez ganha *status* positivo. Para Sant’Anna, há, na cultura ocidental, uma procura pela leveza, influência mais marcada depois da década de 50 pelo modo de vida americano, época em que os corpos foram chamados ao emagrecimento, inclusive os grávidos, e ao uso de produtos com poucas calorias. Como destaca a autora, a partir dessa década, no Brasil, as revistas e a publicidade em desenvolvimento enaltecem incessantemente “as vantagens dos xaropes e das águas digestivas, das estações de cura, dos vestidos de seda, dos penteados pouco complicados e dos comportamentos leves” (SANT’ANNA, 2001b, p. 15). O charme do corpo leve é uma qualidade renovada para todos os corpos, particularmente no final da década de 80, no contexto da revista, a qual ensina a:

Tornar o que é pesado [parto] mais leve.  
 Tornar-me menos sólida, menos densa a vida, a gravidez e assim por diante.  
 Curvar como os bambuzais (adaptar), sem perder a firmeza do corpo.  
 Render-me aos apelos das recomendações de saúde, tornar mais leve a condução da gravidez (KAMARA, 1978, p. 14).

Nessa perspectiva, a leveza dos corpos grávidos rimará, mais do que nunca, com flexibilidade. As gestantes são convidadas pela revista a deixarem, por exemplo, *para trás a antiga rigidez a respeito da gravidez*, a buscarem novos padrões, *mais flexíveis*, para viver. E, entre esses novos padrões, incluem-se as práticas alternativas e suaves como um recurso importante para uma gestação bem-sucedida. É o convite à busca da liberdade através do exercício físico.

## O CHARME DA FLEXIBILIDADE E A MOBILIZAÇÃO DOS CORPOS GRÁVIDOS

O excerto a seguir permite perceber o quanto práticas corporais como a ioga ajudam a preparar o corpo, relembrando diretamente à gestante sua obrigação *de ser flexível* na vida. Parece que determinadas condições, como a gravidez, exigem um grau bastante alto de flexibilidade.

(...) ser mulher flexível como exige a prática da ioga é ser como o bambu, que dificilmente se quebra em meio à tempestade [seja no parto, na família, no trabalho], pois pode se curvar ao sabor dos ventos, mas sem quebrar nunca.

Para mulheres-gestantes, a prática da ioga é muito pertinente. A partir de agora a vida com o filho exigirá delas muito mais flexibilidade para suportar melhor as novas exigências da maternidade (KAMARA, 1978, p. 14).

Encontra-se na flexibilidade a chave de uma nova forma de produção e organização da vida, a partir da década de 80. Na expressão de Bauman (2004), o mundo, contrariamente ao estágio anterior, é caracterizado pela mutabilidade constante, pela fluidez das estruturas, tanto organizacional quanto relacional. Bauman (2004, p. 112-113) assim assevera: “uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa flexibilidade) marca quase todas as interações sociais humanas”. A flexibilidade afeta particularmente quase todos os processos da vida, desde as relações do mercado de trabalho (oferta e procura) e as relações profissionais, passando pelas relações familiares e pela concepção de masculinidades e feminilidades, até as formas de compreender a gravidez, principalmente no tocante à atividade educativa e de socialização.

A gestante aparece como alguém que precisa buscar o conhecimento para vivenciar a gravidez, como um corpo que precisa ser ágil, móvel, menos fixo. É o prenúncio de uma nova era de mobilidade, que dá fluidez e um novo sentido às práticas corporais para grávidas, já que a riqueza da saúde vem também com a “mobilidade”, como afirma Bauman (1998).

Bauman (2000) define o novo sujeito como “*sujeito de modulações*”<sup>5</sup>, que não tem perfil, nem função determinada, um ser com demasiados aspectos e, por isso mesmo, sempre pronto a ir avante em relação à exploração de possibilidades de relacionar-se com a vida, não mais de uma forma rígida, mas flexível e móvel na nova ordem social, sendo essas algumas das qualidades valorizadas. As qualidades de flexibilidade e de mobilidade são representativas da sociedade líquida, descrita por Bauman (2000), na qual os sólidos se liquefazem, as instituições se desmaterializam, derrubam-se os muros, as crenças e as tradições. A nova ordem é de mutação e mobilidade, flexibilidade e velocidade também em relação às identidades, crenças e tradições. O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer as identidades se deterem, mas evitar que se fixem (BAUMAN, 2003). Bauman refere-se à identidade como construída através de fragmentos, como fruto do “desenraizamento”, nunca sendo, portanto, fixa e totalmente determinada. O escape resultante da adaptação do sujeito aos múltiplos contextos proporcionados pelo mundo atual é o que Bauman (2003) chama de identidades mutantes. É possível afirmar que, na *Pais & Filhos*, no final dos anos 80, há celebração da flexibilidade, com a idéia de as gestantes se adaptarem às muitas circunstâncias da vida.

Na revista, pode-se observar todo um movimento educativo que foi emergindo, ensinando as gestantes a adquirirem mais “mobilidade” corporal neste mundo concebido segundo o ideário da termodinâmica, que agora (re)atualiza “o antigo sonho de endireitar o corpo, fornecendo novas finalidades”: desencurvar os corpos, em particular, os femininos, e torná-los retos combina, desde então, “com a obrigação de fazer cada vez mais flexíveis e móveis os corpos das mulheres” (SANT’ANNA, 1997, p. 125). Na *Pais & Filhos*, quando se menciona a “liberdade corporal” das mulheres, em especial nas décadas de 70 e 80, tal posição é freqüentemente descrita como a de uma “mulher moderna”, que reivindica a mobilidade corporal.

O discurso das práticas corporais como técnicas de “cuidado de si” pouco a pouco vai ao encontro de identidades “apreciadas”, como da mulher *livre, leve, flexível*. Foucault (1999) permite-nos perceber que o saber das práticas corporais é instituído na *Pais & Filhos* como uma tecnologia política, como uma maneira eficaz de ensinar os

---

<sup>5</sup> Bauman (2000) apropria-se da imagem do “sujeito modulado” para entender o humano no contexto dos grandes centros urbanos. Isso porque, nessa condição, quase todas as formas de comunhão são móveis e mutantes, pois os módulos não são integrados de forma permanente e fixa (ver mais na obra *Em busca do político*).

corpos, dando respostas às urgências históricas colocadas pelo mundo contemporâneo: do triunfo, da flexibilidade, da mobilidade, da velocidade.

A idéia da liberação social das mulheres – *livres, leves, flexíveis* – aparece constantemente nas entrelinhas da revista, associada à idéia de liberação física.

(...) gestante não esconda o corpo... crie uma nova relação com seu corpo, comece a fazer atividade física, que tal pedalar...

A bicicleta oferece segurança, nada de subidas íngremes ou esburacadas (...) a bicicleta oferece liberdade, desfrute, não há nada que impeça a mulher grávida de andar, pelo contrário, a permanência da grávida parada, por várias horas sentada, pode causar edemas dos membros inferiores (inchação dos pés e tornozelos) (LOBO, 1975, p. 36).

Nesse sentido, o ciclismo aparece, nas páginas da *pais & filhos*, como uma prática que contribuiria muito para a expansão do exercício físico, inclusive das grávidas, especialmente a partir de 1975. A revista incentiva essa prática afirmando que ela *cria uma nova mulher*, diferente das de gerações anteriores, com a possibilidade de movimentar-se e, inclusive, vestir-se de modo diferente do de suas avós.

Encontrei alguns artigos com depoimentos de médicos que contra-atacam a indicação da bicicleta para as gestantes (todavia, em número menor do que os que a indicam). Pergunto-me se esses médicos contrários à prática do ciclismo pelas grávidas estavam mesmo preocupados com a saúde física delas ou com o risco que essa prática representava à manutenção do controle da mulher, na medida em que despertava suas ambições de liberdade. Esse questionamento se faz pertinente, uma vez que hoje temos indicação de bicicletas, inclusive as ergométricas, para serem utilizadas pelas mulheres na gravidez. Verifica-se, portanto, que a indicação/prescrição da prática do ciclismo para as gestantes é recheada de controvérsias.

Interessante observar que a revista, inicialmente, levanta a seguinte indagação:

Muitos livros antigos permitiam tarefas domésticas e proibiam esportes, apesar do fato de o trabalho doméstico ser geralmente mais extenuante que as atividades esportivas. Ao longo dos anos, muitas teorias transformaram-se sobre a importância do exercício que é bom ou até fundamental para mãe e/ou criança.

Os exercícios físicos vêm sendo rotineiramente prescritos; no passado, não eram oferecidos à gestante por causa do medo de que potenciais benefícios pudessem não compensar os riscos fetais (PIRES, 1970, p.14).



Alguns acontecimentos foram fundamentais para uma inclusão mais incisiva das práticas corporais no pré-natal nas décadas de 70 e 80. A expansão das idéias de parto humanizado, a expansão do tempo de lazer, a explosão publicitária de um mercado do corpo (que investe mais específica e pontualmente nos corpos femininos<sup>6</sup>), a afirmação das mulheres no mercado de trabalho, as férias remuneradas, a popularização do acesso às praias, a ascensão das modelos de fisionomia famélica e a súbita valorização, na moda, de rostos e corpos que parecem vender “saúde” fazem com que ser uma gestante esportista seja cada vez mais valorizado, quase um pré-requisito de uma gravidez bem-sucedida.

O campo contemporâneo das práticas corporais e esportivas, em especial o que se apresenta para o feminino, unifica um conjunto de valores como *flexibilidade e liberdade*. Esses valores são explorados pela *Pais & Filhos*, uma vez que as mulheres estavam em desvantagem em termos de liberdade corporal; não por acaso, pois é justamente nesse momento que os corpos em movimento, expressando flexibilidade e mobilidade, tornam-se cada vez mais positivados no contexto da revista.

## MÃE FORTE

As gestantes, no contexto da *Pais & Filhos*, são geralmente retratadas como mulheres que se preparam para o parto, aquelas que acompanham os métodos científicos que *levam a sério seu corpo*; já não são mais tão tímidas, recatadas, mas mulheres ativas e fortes, mais próximas de si quando o assunto é o cuidado com o próprio corpo. De 1980 a 1990, percebe-se um movimento que trabalha para fortalecer a representação de mulher forte, que demonstra firmeza e eficiência em quase todas as situações, como podemos observar em chamadas como as que seguem:

(...) Aprenda a virar o jogo – a ser forte (PAIS & FILHOS, 1978. capa).

(...) Nas decisões, seja forte e firme (PAIS & FILHOS, 1979, p. 41).

(...) Você, mãe, é forte para segurar as pontas na administração da família (PAIS & FILHOS, 1980, p. 21).

(...) Você que tem uma personalidade forte, decidida e responsável, você

---

<sup>6</sup> A indústria do material esportivo descobriu que as mulheres, de um modo geral, compram muito mais material desse tipo do que os homens e trocam/aposentam esses equipamentos antes também (Veja, 2000).

pode ter um filho sozinha (PAIS & FILHOS, 1980, capa).

(...) Aprenda a explorar o seu ponto forte: pernas, busto, boca, olhos, etc (PAIS & FILHOS, 1982, p. 57).

(...) Uma mãe forte malha todo dia para manter seu corpo em forma. (...) uma mãe forte constrói espaço para ter e para manter o corpo em forma no trabalho de parto (PAIS & FILHOS, 1988, p. 14).

Essas narrativas remetem à construção de gênero da mulher-forte-firme. Ser forte é uma qualidade positivada pela revista. Parece que, a partir da década de 80, a *Pais & Filhos* não nega e sim apela para o desenvolvimento da força física, enfatizando-a não apenas no sentido restrito da força como capacidade física, como também em vários sentidos, em termos de afetividade, de rendimento, de ser forte, de “segurar as pontas”, enfim, de saber lidar com os contrapontos da vida. Trago aqui três situações destacadas pela revista que considero exemplares da afirmação da posição de “mulher-mãe-forte”.

A primeira que observo está relacionada com um certo destaque dado à organização das famílias denominadas de *matrifocais*, estruturadas nos *ombros fortes* das mulheres. *Famílias matrifocais* é uma expressão tomada de Hays (1998), relacionada a certos tipos de organização familiar, caracterizados pela valorização explícita e elaborada do papel materno, em que as relações entre mães e filhos/as são mais enfatizadas. Nessas famílias, a figura do pai é ausente, e é a mãe que tem o controle sobre os recursos econômicos e os processos de decisão, sendo que a renda principal vem das mulheres (mãe e/ou avós – *ombros fortes*), o que significa uma ruptura ou, no mínimo, um contraponto à representação de família que investe no novo pai solidário destacado no quarto capítulo.

O segundo exemplo de fortalecimento da posição “mulher-mãe-forte” é o da “produção independente”, termo veiculado na *Pais & Filhos* entre as décadas de 80 e 90 para definir a mulher solteira, com renda própria e independente, que assume um/a filho/a sozinha. O termo “produção independente” parece ser uma condição que questiona e/ou recusa o termo pejorativo da “mãe solteira” e ainda pode ser uma forma de mostrar recusa ao casamento, ao modelo da família tradicional; talvez, ainda, queira mostrar que a gravidez é uma decisão, um projeto, uma escolha. Parece que o discurso da “produção independente” indica que a mulher mãe pode ser casada, mas também

não-casada e/ou divorciada e independente financeiramente, dividindo despesas da casa e/ou assumindo sozinha sua manutenção.

O terceiro exemplo que destaco de posição da “mulher-mãe-forte” é o claro jogo que a revista faz nas projeções de imagens de mulheres em trabalho de parto normal, em geral com seus corpos exageradamente fortes, firmes, resistentes. Com frequência, o rosto delas é retratado com uma fisionomia semelhante à de um “animal” feroz, dentes em destaque, mãos e punhos cerrados, expressando agressividade. A revista parece apontar as práticas corporais e esportivas como as que corroboram a formação discursiva da gestante forte a partir da noção *de força física como atributo importante do desenrolar do parto normal*.

(...) atividade física na gravidez deixa o corpo da mulher mais forte para o parto normal (PAIS & FILHOS, 1986, capa).

Cabe salientar que o uso da força física não é mais condenável, já que o próprio parto é um exercício de forças musculares que projetam o feto para fora. *Expulsar* alguém requer força, coragem e determinação. Por um lado, a mulher é detentora da força que direciona, controla e regula seu parto, por outro, para que o parto normal ocorra sem transtornos, há necessidade de combinar ações voluntárias (esforço muscular da mãe) e contrações uterinas, que são involuntárias. O feto sai da cavidade pélvica empurrado pela união desses efeitos combinados. Nesse sentido, há a associação da idéia de ser mãe forte com a de ser útil. O estímulo ao fortalecimento muscular é retomado pelas teorias científicas do final do século XX como importante para a educação das mulheres, incluindo as gestantes. A figura máscula, forte e atlética como vantajosa para as gestantes emerge com renovada força, como se vê em inúmeras imagens.

As capacidades físicas de força muscular, vigor físico, resistência e potência são vistas agora como importantes e necessárias tanto às identidades masculinas quanto às femininas, particularmente quando se trata de mulheres gestantes e a *Pais & Filhos* elege as atividades corporais e esportivas como promotoras desses atributos. Goellner (2004, p. 364) destaca que, como

espaço pedagógico, há muito o esporte tem sido campo privilegiado do exercício simbólico da virilidade e da construção de valores a ela agregados, visto que, culturalmente, foi e algumas vezes ainda é representado como sendo um espaço

masculino. Agressividade, competitividade, risco, potência, vigor físico, velocidade e determinação são atributos associados ao masculino, em oposição à fragilidade, delicadeza, beleza física e flexibilidade, tidas como características femininas.

Esse estímulo da *Pais & Filhos* para que as mulheres, mais especificamente as gestantes, adquiram vigor físico, pode ser visto como um “atravessamento de fronteira”, especialmente se considerarmos os padrões culturais na definição daquilo que é esperado para cada gênero, como observou Goellner (2004).

Para Soares (2005), as imagens esportivas jogam com certa concepção do esportista forte. O esportista “é quase sempre movido pela idéia de ir mais longe, ser mais veloz, fazer a ultrapassagem dos limites das próprias forças, de regular os esforços (...), de superação de si mesmo” (SOARES, 2005, p. 52). Parece que o estímulo à adoção das práticas esportivas dado pela *Pais & Filhos* a partir de 1980 culmina em 1990, com a adesão das mulheres à cultura da superação de limites, despertando seus desejos de vitória em diversos âmbitos da vida, inclusive na gestação. As práticas esportivas (como os campeonatos e as olimpíadas) ajudaram a problematizar o mito do sexo frágil e alteraram outros tabus. Por exemplo, nos anos de 1980, Isabel, jogadora de voleibol de alto rendimento da seleção brasileira, provou que a gravidez não era empecilho ao continuar atuando nas quadras durante todos os nove meses da gestação. A partir de então, a revista destaca cada vez mais a ampliação do número de mulheres envolvidas nos esportes de alto rendimento no Brasil e em práticas antes consideradas violentas. Para Goellner (2004), os anos de 1980 a 1990 caracterizaram-se pela inserção das mulheres em esportes até então considerados violentos para a participação feminina, tais como: judô, pólo aquático, handebol e futebol. César Sabino (2004) também destaca que a representação de masculinidade hegemônica, do homem forte, esportista, destemido, independente, durão, passa a ser adotado por um número cada vez mais significativo de mulheres de classe média, que buscam “vencer na vida” e acham que, para tal, têm que demonstrar força, não apenas em músculos, mas em atitudes.

Nesse sentido, o território esportivo parece ser, como destaca Goellner (2004, p. 367), um território

(...) permeado por ambigüidades, o mundo esportivo fascina e desassossega homens e mulheres, tanto porque contesta os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre liberação e controle de emoções, e também representações de masculinidade e feminilidade.

A *Pais & Filhos* insiste na associação de que, quando se está forte fisicamente, é possível vencer mais facilmente os sentimentos negativos, como de abandono, medo e outros; o trabalho começa com o plano físico e a revista reforça isso dizendo: *corpos que encolhem são cérebros que encolhem* (MARCIA, 1990, p. 45).

## MÃE RESISTENTE

Mãe... força, força, força, ... parabéns, parabéns, parabéns pelo sucesso do parto (...) (Pais & Filhos, 1990, capa).

Essa é uma fala comumente dita às gestantes na sala de parto e reiterada na *Pais & Filhos*. Essa articulação entre força e sucesso é formulada dentro de um pensamento circular na revista, no sentido de que ela confere superioridade moral à capacidade feminina de dar à luz, função que, por sua vez, quando bem sucedida/executada (parto normal), parece dignificar a mulher e testemunhar essa superioridade. Aparece, assim, o reconhecimento de um novo *status* atingido pela gestante devido a sua forma física, poder conferido ao corpo materno, associado à capacidade heróica de resistir, como podemos observar na formulação a seguir:

(...) Parabéns, mãe, foi você quem fez o parto e deu à luz. A grande vencedora que nos encanta com seu corpo e com sua capacidade de resistência, a rainha merecedora de todos os louros e aplausos (Pais & Filhos, 1990, p. 45).

Foucault (2004) argumenta que a produção discursiva dessa experiência é uma tática de auto-ampliação do poder do corpo materno no sentido de mostrar a superioridade física e moral da grávida. A revista qualifica a experiência do parto normal como *inestimável*, uma vez que esta possibilita à mãe olhar para o bebê que foi capaz de parir e reconhecer seu próprio valor.

(...) Eis o meu filho, que eu pari por mim mesma, consegui! E se fui capaz de passar por isso, também serei uma boa mãe (MIRANDA, 1988, p. 114).

Entendo que o rito do parto normal ajuda a demarcar a posição de mãe preparada, forte, resistente, boa, em contraposição à de mãe despreparada, fraca, frágil. Os pares de oposições binárias – preparada/despreparada, forte/fraca, resistente/frágil – reiteram uma distinção social baseada na forma física das gestantes, cuja atuação no parto e respectivas força e resistência emergem como sinal de distinção social e poder. Não podemos esquecer que a revista se endereça à classe média, que valoriza tanto a forma física quanto a moral (*mãe com atitude*) como elementos importantes de identificação, como afirma Luc Boltanski (1979).

As situações de parto normal destacadas pela *Pais & Filhos* com frequência são representadas por imagens em que as mulheres gestantes emergem como superpoderosas, com seus corpos plásticos, preparados, flexíveis, resistentes, tornando-se modelares pela bravura, coragem e resistência com que enfrentam e vencem as dores do trabalho do parto. A revista destaca muito mais *as facilidades do parto* do que as dores, o que pode ser facilmente contestável, pois o parto é difícil e doloroso para as mulheres de quase todas as sociedades; não é tão fácil assim como é destacado.

Por exemplo, na África, hoje, a chance de uma mulher morrer por causa de uma gravidez e/ou um parto é de uma em treze, e a taxa de mortalidade materna ainda tira o sono de muitos países, particularmente no terceiro mundo. A Organização Mundial da Saúde gradua a Taxa de Mortalidade Materna<sup>7</sup>, considerando o número de mortes a cada 100.000 nascimentos, como *baixa* quando menor que 20 mortes (Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Holanda, Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Japão, Austrália, Nova Zelândia); como *média*, de 20 a 49 (Cuba, Costa Rica, Chile, Uruguai, China); como *alta*, de 50 a 149 (Brasil<sup>8</sup>, Argentina, Colômbia, Venezuela, México, Jamaica, Tailândia, Turquia); e como *muito alta*, a partir de 150 (Equador, Guatemala, Paraguai, Honduras), sendo que, em alguns países da América Latina, África e Ásia, ultrapassa 300 mortes (Bolívia, Peru, Nigéria, Senegal, Egito, Somália, Lesoto, Bangladesh).

De forma geral, *a dor do parto*, na *Pais & Filhos*, é tratada quase sempre no singular. Sabemos que não é uma dor única, e quase não se fala em processo doloroso

---

<sup>7</sup> Há uma estreita relação entre a causa da morte materna e o desenvolvimento social, econômico e cultural do continente, país, estado e município avaliados (conforme dados da OMS, 2006).

<sup>8</sup> A mortalidade materna no Brasil tem um impacto desproporcional sobre mulheres afrodescendentes, mestiças, indígenas, solteiras, adolescentes, pobres e pouco escolarizadas (ver Relatório da CPI sobre Mortalidade Materna Federal, página 44. O Relatório está disponível em [www.cfemea.org.br](http://www.cfemea.org.br), último acesso em 07 de outubro de 2006).

(contrações e demais desconfortos peculiares a um parto). As dores são marcadas historicamente pela negação (há em curso, na revista, uma ética indolor), a qual se dá pelo incentivo à drogadição (medicalização presente na nossa cultura) e/ou por meio de outras terapias corporais e da interminável ligação do estado da gravidez com a felicidade. David Lê Breton (apud SOARES, 2005, p. 52) afirma que

(...) a dor é íntima, certamente, mas ela é também impregnada de social, de cultural, de relacional, ela é fruto de uma educação. Ela não escapa aos vínculos sociais (...) Ela é uma manifestação ambígua da defesa do organismo. Privada da capacidade de sentir, a existência humana torna-se terrivelmente vulnerável.

Negam-se os desconfortos, e, nesse sentido, aceitam-se indiretamente as dores no seu limiar (com muita tolerância *pela felicidade de ter filhos/as*). De maneira geral, a revista, ao falar da *dor* associando-a ao caráter heróico das mulheres, apresenta, “uma visão mais científica da dor e do sofrimento, deseja representar mesmo o seu controle, esta relação íntima de supor ser possível chegar sempre a um limite maior, não importando as condições para tal empreendimento” (SOARES, 2005, p. 53).

A revista ensina, fundamentalmente, *que o tributo da dor é pago pela felicidade de ter o filho, ou seja, a dor não é isenta de tributo*, uma característica atribuída às dores do parto na grande maioria dos relatos de profissionais e das próprias gestantes. Ao descrever as vivências das dores do parto, as mulheres reforçam o quão intensas elas são, mas logo amenizam isso, dizendo *que a alegria de gerar um filho é tão grande, que essas dores logo a gente esquece*. Parece que isso é o que pode ser dito, é o que é possível de ser sancionado por esses discursos; assim, a dor é quase sempre relativizada pelas mulheres e pela *Pais & Filhos* (1987, p. 89).

Talvez aqui resida parte dos fundamentos do altruísmo e do imperativo *viva para o outro* que se traduzem em abnegação, sacrifício e renúncia pelo outro tão fortemente vinculados à da maternidade. Amor e dor, duas faces da maternidade. Para Wolf (1992), desde os primórdios da história até pouco antes da década de 60, a vivência sexual das mulheres estava associada à dor, e não se oferecia às mulheres “o direito do prazer sem dor”. Para a autora:

a febre puerperal e as complicações durante o resguardo, dar à luz era uma dor atroz até a invenção do clorofórmio em 1860 e representava um perigo mortal até o advento da anti-sepsia na década de 1880. Daí em diante, o sexo trazia o risco de um aborto ilegal, com seus perigos de hemorragia, útero perfurado e morte por septicemia. O trabalho, para a mulher significava o parto, de forma tal que o trabalho, o sexo, o amor, a dor e a morte, durante séculos, estavam entrelaçados, num nó vivo na memória das mulheres (WOLF, 1992, p. 142).

Para a autora, a dor associada ao sexo começou a ser amenizada a partir de múltiplos acontecimentos, tais como: o advento da pílula da anticoncepção e a legalização do aborto em alguns países ocidentais. Os costumes sociais em transformação e a defesa do direito ao prazer da sexualidade por parte do movimento feminista contribuíram, pois, para minar os fios entre sexo e dor.

\* \* \*

A quantidade de material informativo disponível sobre as formas de cuidar dos corpos grávidos por meio das práticas corporais e esportivas sugere, cada vez mais, que a biologia não equipa as mulheres para a função social de cuidar de si e dos/as filhos/as. Ao referir-se à sexualidade Louro (1999) diz algo que também pode ser associado à maternidade: “é curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação [da maternidade], tida como inata e natural em nossa existência, é alvo da mais meticulosa e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (acréscimo meu) (LOURO, 1999, p. 17). Desmistificar a essência biológica da corporalidade feminina é descortinar a construção sociocultural do processo de gravidez como “*ato regulável pela sociedade*” e pelas diferentes áreas do saber, como procurei mostrar no campo da educação física.

Procurei expor nesse artigo como as diferentes práticas corporais nas revistas ensinam a gestante (mãe) a ser flexível, leve, preparada, resistente, atlética, forte, corajosa, participativa, constituindo um importante discurso que produz diferentes identidades. Descrevi, assim, as conexões entre o governo de si e e as relações de cuidado de si por meio ds pedagogias corporais esportivas. Apresentei, portanto, um pouco sobre os modos como, na revista *Pais & Filhos*, o discurso das práticas corporais e esportivas produz a politização contemporânea dos corpos grávidos.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Hombres/Mujeres. Como salir del camino equivocado.** Buenos Aires AR: Fondo de Cultura Econômica, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000



FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Gilles Deleuze**. Trad.: SANT'ANNA, Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense: 2004. Universitária, vol. V.

MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. **Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG**, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.

\_\_\_\_\_. **A educação da família como estratégia governamental de inclusão social: um estudo situado na interface dos Estudos Culturais, de Gênero e de Vulnerabilidade**. Projeto CNPQ. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2004a.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: **O mundo psicossocial da mulher no esporte, comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

KLEIN, Carin. “... **Um cartão [que] mudou nossa vida?**” Maternidades veiculadas e instituídas pelo Programa Nacional Bolsa-Escola, 2003. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho. ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

SOARES, Carmen. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: Rago, M. e Veiga Neto. **As figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Contexto, 2006 (no prelo).

VIGARELLO, Georges. SANT'ANNA, Denise (entrevista). “O corpo inscrito na História: imagens de um arquivo vivo”. In: **Projeto História**, São Paulo, EDUC/FAPESP, n. 21, 2002.

SANT'ANNA, Denise B. Educação Física e história. In: CARVALHO, Y. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001a.

WOLF, Naomi. **Fogo com fogo**. Trad.: Waldeia Barcelos. São Paulo: Rocco, 1996.

\_\_\_\_\_. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

PAIS & FILHOS. São Paulo: Bloch e Manchete, anos 1-37. (Coleção).